

Diagnósticos divergentes

A informação de que algumas análises testadas pela Divisão de Controle Ambiental (Zoonoses) com resultados positivos, quando submetidas a novos exames, deram resultados negativos foi contestada pela Secretaria de Saúde. Para o subsecretário de Vigilância à Saúde da Secretaria de Saúde, Joaquim Barros, os exames são seguros e não apresentam falhas. Ele acredita que alguns proprietários de animais ainda demonstram resistência ao exame e a decisão de ter que sacrificar o animal.

“Eu duvido que isso seja possível porque os nossos métodos são muito melhores que os utilizados pelas clínicas particulares. Não temos nenhum interesse em realizar um exame errado porque a nossa preocupação é com a saúde pública. Seria muita irresponsabilidade da nossa parte se realizássemos uma campanha como essa sem ter uma maneira segura para fazer o diagnóstico”, analisa.

Segundo a secretaria, em 2007 foram registrados 62 casos da doença em humanos no DF — sendo três contraídos no DF e 59 em outros estados. Estima-se que, até agora, cerca de 30 casos tenham sido diagnosticados. O número de

pessoas contaminadas no DF permanece o mesmo, três.

Controle

Para o veterinário Ricardo Guerra, a aplicação de uma vacina, já disponível no mercado, pode evitar a morte de muitos animais. “Não entendo porque a secretaria não cogita a utilização dessa forma de prevenção. A vacina tem 97% de eficácia, um número elevado. Com ela, o animal deixa de ser transmissor da doença e, em alguns casos, o mosquito também perde a capacidade de contaminar o homem”, explica.

O gerente de Controle da Zoonoses, Rodrigo Menna Barreto, discorda da aplicação da vacina e afirma que em 30% dos casos, o animal fica exposto ao parasita. “O cachorro ser vacinado não significa que ele está sadio”, afirma. Em novembro de 2006, a Vila Rabelo II, localizada na área rural de Sobradinho, registrou o primeiro caso de morte por leishmaniose visceral em solo brasileiro. A menina Renata dos Santos, 6 anos, foi a vítima. (LN)

correioamazonense.com.br



Veja na Internet:

infografia sobre leishmaniose